

## **OFICINAS PEDAGÓGICAS COMO INSTRUMENTO PARA A INTER- RELAÇÃO DE CONHECIMENTOS: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DE VIVÊNCIAS NO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA DO IFBA.**

Isabela Santos Albuquerque

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA);  
isabela.santos@ifba.edu.br*

Este trabalho apresenta reflexões de uma experiência desenvolvida com turmas dos componentes de Estágio Supervisionado II e IV, do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), Campus Salvador: a realização de Oficinas Pedagógicas. Para a concretização de Oficinas tem sido necessário pesquisar referenciais que trabalham sobre formação de professores e formação docente em Geografia, a fim de subsidiar teoricamente as ações.

A formação de educadores é crucial para a qualidade do ensino nas instituições de ensino, por isso a Lei nº. 9.394/96 – Diretrizes e Bases da Educação Nacional – enseja “a associação entre teorias e práticas” como ponto essencial. Para tanto, existem autores que defendem a prática de pesquisa em cursos de licenciatura a fim de possibilitar que os futuros professores pesquisem, levantem hipóteses, tracem caminhos para validá-las, e busquem resolver questões (André, 2006; Cavalcanti, 2006; dentre outros).

Reportando-se à cultura e a prática de pesquisa voltada para a formação de professores, André (2006) menciona que,

A articulação entre ensino e pesquisa na formação docente [...] pode desenvolver habilidades e atitudes de investigação nos futuros professores. Pode, além disso, traduzir-se no uso da pesquisa como mediação, ou seja, que as disciplinas e atividades do curso incluam a análise de pesquisas que retratem o cotidiano escolar, visando aproximar os futuros docentes da realidade das escolas, levando-os a refazer o processo da pesquisa e a discutir sua metodologia e seus resultados (ANDRÉ, 2006, p.61).

Vários desafios são colocados aos cursos de formação docente, tendo em vista formar profissionais que estejam aptos a lidar com uma realidade social cada vez mais dinâmica e complexa. Os discentes do século XXI possuem novos anseios, necessidades, comportamentos, sendo essencial que os professores estejam preparados para este novo contexto. Então, defende-se neste trabalho, que através da prática de pesquisa é possível (re)pensar e

buscar alternativas para questões que afetam o cotidiano das escolas e muitas vezes *engessam as ações de* seus profissionais.

Trazendo a análise para a Geografia, vale dizer que esta área, infelizmente, ainda é permeada por práticas tradicionais. Esta forma de trabalhar acaba acentuando contradições e até ensejando a formação de seres passivos e pouco atuantes na sociedade. Este modelo não permite a *autonomia*, nem que o *indivíduo* se veja como um *agente transformador* da realidade, conforme bem articula Freire (2005, p. 68).

Então, urge o rompimento de um viés mais tradicional da Geografia, tendo em vista edificar uma prática construtiva e dialógica, capaz de colocar os sujeitos numa posição ativa e questionadora. Neste sentido, vale citar Azambuja (2013) que trata os processos de ensino e de aprendizagem de modo dialógico, sendo “espaço-tempo de interação entre professor, aluno, conhecimento e realidade. A ação dialógica está no reconhecimento permanente do saber do outro como contraponto ou antítese para a elaboração de novo conhecimento” (2013, p. 166).

Tendo em vista que “a sala de aula não é mais o lugar de repasse de conteúdos prontos, e sim o lócus das muitas possibilidades para a circulação e construção de conhecimentos [...] a didática específica da geografia é pautada também pela renovação da ciência. (AZAMBUJA, 2013, p. 166).

Diante do exposto até o momento, convém compartilhar a experiência a que se propõe o presente trabalho: as Oficinas Pedagógicas desenvolvidas nos componentes dos Estágios Supervisionados II e IV do Curso de Licenciatura em Geografia do IFBA, Campus Salvador. No entanto, antes de tal explanação, vale apresentar algumas reflexões teóricas sobre a citada estratégia didático-metodológica.

A oficina constitui um espaço de construção coletiva do conhecimento, de análise da realidade, de um confronto e troca de experiências. A atividade, a participação, a socialização da palavra, a vivência de situações concretas através de sociodramas, análise de acontecimentos, a leitura e a discussão de textos, o trabalho com distintas expressões da cultura popular, são elementos fundamentais na dinâmica das oficinas pedagógicas. Portanto, as oficinas são unidades produtivas de conhecimentos a partir de uma realidade concreta, para serem transferidas a essa realidade a fim de transformá-la. (FIGUEIRÊDO, *et.al.*2018, p.3, *apud* CANDAU, 1995).

Já para Paviani e Fontana (2009, p. 78) “uma oficina pedagógica é, pois, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos”.

A partir dos conceitos acima, defende-se que uma oficina pedagógica é uma significativa

ferramenta para oportunizar ao discente estagiário, futuro professor, a reflexão e o exercício consciente de princípios pedagógicos que podem dinamizar a ação docente na Geografia (contextualização, interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, simetria invertida, dentre outros), tendo em vista que o mesmo sairá da zona de conforto e terá que pensar e propor situações que estimulem o pensar geográfico, rompendo com o viés tradicional que enseja a repetição e memorização de informações.

O Estágio Supervisionado consiste em um componente curricular de suma importância para os discentes, tendo em vista que estes passarão a ter contato com a dinâmica escolar e processos de sua futura profissão. Considerando que nem sempre o calendário das instituições de formação de professores está em consonância com os das escolas da educação básica, surgem entraves justamente na fase de campo deste processo.

Diante de tal questão, tornou-se necessário pensar em estratégias didático-metodológicas que pudessem validar os estágios realizados pelos discentes da Instituição em questão (o IFBA), surgindo a ideia da realização de Oficinas Pedagógicas. O que num primeiro momento foi planejado para resolver uma situação emergencial acabou tornando-se uma “MARCA” dos componentes dos Estágios II e IV.

Considerando que o processo educativo deve ser balizado pela constante reflexão das ações desenvolvidas para posterior replanejamento e concretização de novas ações, através das Oficinas tem sido possível desafiar os discentes estagiários a refletirem sobre a docência nos níveis e/ou modalidades de ensino propostas<sup>1</sup>. Assim, após um momento de articulação teórica referente às especificidades de cada componente, os discentes estagiários são convidados a elaborarem uma Oficina Pedagógica, individualmente ou em duplas. Eles podem escolher a série e temas/conteúdos, respeitando as diretrizes do componente em questão, e devem pensar em todo o planejamento para o momento culminante: desenvolvimento da oficina com a turma.

A organização das oficinas geralmente traz ansiedade para os discentes, principalmente para os que nunca adentraram uma sala de aula. Porém, a professora orientadora sempre está à disposição para ajudá-los e estimulá-los a pensar GEOGRAFICAMENTE, pesquisando e inter-relacionando temas/conteúdos. É interessante observar o crescimento gradativo dos futuros professores, principalmente quando relatam que

---

<sup>1</sup> No Estágio Supervisionado II os discentes estagiários desenvolvem ações de observação, co-participação e regência de classe em séries do Ensino Fundamental II; Já o Estágio Supervisionado IV coloca os discentes em contato com a Educação Profissionalizante, aspecto forte do IFBA.

a experiência ajuda a “romper com receios”, “favorece a troca e construção de conhecimentos”, dentre outros aspectos.

Outro ponto que merece ressaltar refere-se à oportunidade de desenvolver a prática avaliativa durante a realização das oficinas. Ou seja, quando os discentes realizam a sua ação são observados e avaliados pelos colegas de turma, a partir do uso de um barema, elaborado pela professora orientadora, mas sempre com a consulta prévia e intervenção dos mesmos. A orientação é de que durante o processo de avaliação cada um consiga colocar-se no lugar do outro, vislumbrando e mencionando possibilidades para melhorar a ação observada, contribuindo para o crescimento do professor em formação. Inicialmente os “avaliadores” sentem receios, embora não seja necessário identificar-se. Posteriormente, o discente estagiário que avaliou será avaliado, criando um verdadeiro círculo interativo. Após o encerramento da etapa das oficinas pedagógicas, os discentes recebem um retorno da professora orientadora<sup>2</sup>, com as suas anotações e sugestões para a fase de campo.

A experiência em foco tem mostrado que a metodologia de aplicação de oficinas vem oportunizando aos discentes estagiários serem protagonistas da ação e da construção de seu próprio conhecimento, contando com o apoio do coletivo em sala de aula, bem como da orientadora. A chance de descobrir, dialogar, compartilhar e propor soluções para as questões apresentadas é sempre algo desafiador. A guisa de exemplos segue algumas fotografias que mostram oficinas pedagógicas planejadas e desenvolvidas por discentes estagiários do Curso de Licenciatura em Geografia do IFBA, Campus Salvador (Imagem 1, 2, 3, 4, 5 e 6):



Imagens 1 e 2: Discente realizando uma Oficina sobre os “Conflitos ocorridos na Síria”, semestre 2017.2  
Fonte: Da autora, 2018.

<sup>2</sup> O barema preenchido pela professora orientadora é identificado, a fim de que os discentes estagiários tenham um referencial avaliativo e possam dialogar de forma aberta com a mesma. Os discentes também recebem os baremas preenchidos pelos seus colegas de turma, embora neste caso não saibam quem os preencheu. Mais importante que a identificação dos baremas feitos pelos colegas é ter acesso às colocações e sugestões para a melhoria da ação pedagógica. Este é um momento extremamente gratificante, pois eles acabam trocando experiências e dicas quanto ao trabalho desenvolvido.



Imagens 3 e 4: Discentes realizando uma Oficina sobre os “O Espaço agrário brasileiro”, semestre 2018.1  
Fonte: Da autora, 2018.



Imagens 5 e 6: Dinâmica de grupo após a realização de uma Oficina, semestre 2017.2; e encerramento de etapa das Oficinas do Estágio IV, com parte da turma do semestre 2018.1  
Fonte: Da autora, 2018.

As oficinas ora mostradas foram planejadas e concretizadas por discentes integrantes dos Estágios II e IV, tendo sido momentos descontraídos de desenvolvimento de atividades dinâmicas e criativas para a turma. Vale ressaltar que esta estratégia tende a contribuir para o crescimento coletivo, na medida em que um discente acaba apoiando o outro e, aos poucos, os mais tímidos e que possuem dificuldades mais expressivas, acabam crescendo gradativamente, a partir do incentivo e do acolhimento coletivo. Além disso, as oficinas são um ponto de partida efetivo para a *lapidação* do grupo para a concretização da fase de campo nas escolas parceiras e, quando há o descompasso de calendários, constituem-se em atividades que os discentes podem experienciar a observação, co-participação e a regência de classe a partir das diretrizes da fase em que se encontram, cumprindo, portanto, o seu componente curricular.

## Referências

AZAMBUJA, Leonardo Dirceu. A população na Geografia e no ensino de Geografia. In: CAVALCANTI, Lana de Souza. (Org). **Temas da Geografia na Escola Básica**. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

ANDRÉ, Marli (Org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

BRASIL. Ministério de Educação e Desportos. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (nº 9394/96). Brasília: MEC, 1997.

CAVALCANTI, Lana de Souza (Org.). **Formação de professores: concepções e práticas em Geografia**. Goiânia: 2006.

\_\_\_\_\_. Ensino de geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, Sônia (Org.). **Educação geográfica: teorias e práticas docentes**. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

FIGUEIRÊDO, Maria do Amparo Caetano de. *et.al.* Metodologia de Oficina Pedagógica: uma experiência de extensão com crianças e adolescentes. In: **Periódicos UFPB**. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/extensaocidada/article/download/1349/1022> Acesso em 01 de Set. de 2018

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 2005

PAVIANI, N. M<sup>a</sup> S.; FONTANA, N. M<sup>a</sup>. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. *Conjectura*, v. 14, n. 2, maio/ago. 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/16/15>. Acesso em: 23 set. 2014.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A aventura de formar professores**. Campinas, SP: Papyrus, 2009.